

Aspectos de uma interpretação das "Memórias Póstumas de Brás Cubas"

O ROMANTISMO BRASILEIRO atingira seu ponto de saturação e começava a repetir-se até o esgotamento, quando Machado de Assis publicou seu primeiro romance (1). Isso implica dizer que foi dentro da atmosfera romântica, e ainda sob a poderosa influência das idéias diretrizes do Romantismo, que o futuro grande escritor anti-romântico iniciou a sua carreira de escritor.

Aquêle seu livro de estréia, pois, não continha muita novidade. Sua visão do mundo, em linhas gerais, é a mesma que se observa nas novelas sentimentais da época, especialmente nas de Macedo e Alencar; sua intriga não apenas obedece aos mesmos esquemas, mas também, se desenvolve sob a mesma motivação e visando ao mesmo desenlace. É verdade que a escolha do ciúme, como tema central, já pode ser interpretada, em si mesma, como tentativa de fuga ao círculo vicioso da temática romântica. O tratamento desse tema, porém, e a escolha e tratamento dos sub-temas que o completam, revelam a marcante influência da novela romântica. Mais de vinte anos depois, com pleno domínio da técnica novelística e com uma visão do mundo nitidamente anti-romântica, Machado de Assis retomaria o mesmo tema para escrever essa obra prima que é o *Dom Casmurro*. Tal evolução tem sido explicada repetidas vezes, já sendo habitual a divisão da obra do escritor em duas fases distintas: a primeira, que vai da estréia até a publicação de *Iaiá Garcia* (1878), e a segunda, das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) ao *Memorial de Aires* (1908). O que possa haver

de artificial nessa divisão não invalida a verdade que ela exprime, ou seja, a profunda transformação que, a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, se opera na obra de Machado de Assis. Que essa transformação seja, pelo menos em parte, reflexo da que ocorre na vida do escritor, parece não haver dúvida; o recrudescimento da doença, a crise dos quarenta anos, as reflexões a que lhe forçou o retiro no interior, tudo isso tem sido lembrado para explicar o novo modo de ser machadiano. Lúcia Miguel Pereira, que lhe estudou a vida e a obra para explicar o escritor a partir do homem, diz que "entre *Iaiá Garcia* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, entre o romancista medíocre e o grande romancista, existiu apenas isso: seis meses de doenças, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça". (2).

Mas, a crise por que passa Machado de Assis, nessa época, não se reflete diretamente em sua obra, para ela não se transfere como tema a ser trabalhado e desenvolvido. O mais que se pode dizer é que, aliada a outras circunstâncias, essa crise contribuiu para modificar a visão do mundo que até então o escritor expressava em seus contos e romances. Daí porque me pareça mais útil, para a interpretação da sua obra, tentar isolar o tema ou os temas por intermédio dos quais se revela a sua nova visão do mundo, o seu novo modo de ver os homens e as coisas. A atenta leitura dos romances da segunda fase fornece, a esse respeito, resultados bastante curiosos.

Habituou-me essa leitura a penetrar o

mundo machadiano armado sempre de um estado de espírito especial, que eu talvez possa definir como espírito de conflito. Prevenido contra o autor e os seus protagonistas, procuro sempre desconfiar da interpretação que êles oferecem dos homens, dos fatos e das coisas, pois sei que o divertimento preferido dêles é precisamente êsse, de ocultar a verdade mais profunda, a verdade real, sob a verdade aparente e fácil, mas enganadora, dos seus pontos de vista pessoais. Dêsse jôgo de perspectivas múltiplas, aliado a um estilo rico de sugestões e de meios tons, em que a afirmativa e a consequência sempre se desdobram e se propagam a zonas inesperadas, é que Machado de Assis retira substância para a sua grande arte do romance e do conto.

Essa técnica de narrar, de contar histórias, adquire significação e profundidade quando posta a serviço de uma temática como a que nos oferece Machado de Assis, a partir de MPBC, na qual se debatem problemas existenciais do homem em face do mundo moderno. Na verdade, o homem machadiano é uma *posição* universalmente válida, embora situada em lugar e tempo particulares. E nisso reside o segredo de sua permanente atualidade, de seu constante interesse, tal como acontece em tôda grande obra de arte.

Que temática é essa, porém? Que problemas fundamentais são êsses que se encontram na segunda fase da obra machadiana? Creio não estar longe da verdade, ao dizer que a consciência de ser frustrado é o tema nuclear de Machado de Assis, aquêle que informa e orienta a sua temática. Em torno dêle, e de certo modo, como decorrência dêle, é que gravita tôda a problemática que aflige a humanidade machadiana.

Não se trata, como é fácil de perceber, da frustração pura e simples, da frustração como fracasso em si mesmo. Os heróis românticos são seres frustrados; dada a sua permanente atitude de oposição aos sistemas vigentes, no plano social como no familiar, são desajustados do mundo, incompreendidos, e a sua luta consiste em construir subjetivamente outro mundo, superior àquele em que vivem e cuja base repousa em sentimentos e virtudes ideais. Não é êsse, porém, o caso dos

personagens realistas de Machado de Assis. Nêles o tema está enriquecido pela fecunda consciência que cada um adquire de sua frustração; no momento em que toma consciência de ser frustrado é que o homem machadiano se torna um ser único, singular; nesse instante é que êle se define como *posição* em relação aos outros e ao meio em que vive. Não se evade do mundo, não foge à sua situação no mundo nem a considera fatalidade de um destino pessoal, como o herói romântico. Ao contrário situa-se no mundo, adquire plena consciência de sua posição no mundo e das circunstâncias que a determinam, e é em função dessa consciência que passa a reagir em face do mundo e dos semelhantes.

O primeiro dos grandes personagens machadianos a adquirir essa consciência é Brás Cubas. Suas memórias, significativamente escritas do outro mundo, encontram sua razão de ser na consciência que o defunto autor tem de sua frustração. Elas não se limitam a contar a história de seu pessimismo ou de sua amargura, em consequência de um fracasso ou de uma série de fracassos. E o que é mais: elas não foram escritas com o objetivo de mostrar o processo da frustração de Brás Cubas, mas, principalmente, para analisar de que modo e até que ponto Brás Cubas toma consciência de sua frustração e reage diante dela.

Um primeiro e curioso exemplo a ser dado é o do problema da morte, frente ao qual Brás Cubas assume diferente atitude, conforme não tenha ou tenha consciência da sua frustração. Nos verdes anos, quando ainda tinha ilusões, quando ainda pensava que o primeiro amor tivesse o "efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor" (3), quando ainda acreditava poder realizar o futuro que lhe estava a exigir a posição social e familiar, por êsses fogosos dezoito anos Brás Cubas tem medo da morte, embora uma vez a tenha romanticamente desejado: na viagem de destêrro para Lisboa, arranjada para afastá-lo de Marcela, surge-lhe, como atitude tipicamente romântica de amante contrariado, a primeira de uma série de idéias fixas:

A dessa ocasião era dar um mergulho no

oceano, repetindo o doce nome de Marcela (3, p. 81).

Na primeira noite, porém, em que se lhe apresenta o "ensejo propício para morrer" (3, p. 83) preferiu dormir argumentando, não sem ironia, que êsse era "um modo interino de morrer" (3, p. 84). Ao dia seguinte, Marcela já mais distante, e tendo-lhe a musa do capitão varrido do espírito os pensamentos obsedantes, um temporal lhe vem oferecer a morte bem de perto; mas, a realidade próxima e agressiva da tempestade não fêz senão arrefecer a sua tempestade interior, e êle confessa sem reserva:

Eu, que acreditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo (3, p. 84).

E poucos dias depois, ainda nessa viagem, confessará algo mais que o simples medo da morte. Ao falecer a mulher do capitão poeta, diz ter fugido ao espetáculo da morte porque lhe tinha repugnância (3, p. 86).

Repugnância e medo daquilo que representava o fim de tudo, de suas esperanças, de suas ilusões, de seu futuro vitorioso e brilhante, durante a cerimônia fúnebre?

...poucas horas depois, era o cadáver lançado ao mar, com as cerimônias do costume. A tristeza murchara todos os rostos; o do viúvo trazia a expressão de um cabeça rijamente lascado pelo raio. Grande silêncio. A vaga abriu o ventre, acolheu o despójo, fechou-se — uma leve ruga — e a galera foi andando. Eu deixei-me estar alguns minutos à pôpa, com os olhos naquele ponto incerto do mar em que ficava um de nós... (3, ps. 86-87).

Não era a morte daquela mulher tuberculosa que o tocava, que o retinha na pôpa, o olhar perdido no ponto incerto do mar. Era a morte em si mesma, o que tão bem se traduz estilisticamente pelo emprêgo do indefinido um de nós, como sujeito de ficar; mais ainda, era a imagem da morte que êle desejara para si próprio e logo depois recusara: via-a agora, atingir a outra pessoa e muito tempo não foi preciso para considerá-la distante, e mesmo imprecisa, como que perdida "naquele ponto incerto do mar".

Tempos depois, quando plenamente consciente de que a sua existência, enquanto processo social, e mesmo biológico, foi um lôgro, uma frustração, sua atitude será bem

outra. Quando deixar de pensar não apenas que é mentira "que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão" (3, p. 63), mas, sobretudo, que nem o nosso espadim nem a espada de Napoleão têm valor em si próprio aí, então, reagirá de outro modo diante do mesmo espetáculo, ou, mais precisa e mais significativamente, diante de *seu* espetáculo. A partir do momento em que se define essa consciência, nada mais importa ao desencantado Brás Cubas, tudo lhe é indiferente, até mesmo a morte. Confessará que a campa lhe foi outro berço, ou seja, um nascimento para outra vida, já que a dêste mundo lhe fôra frustrada. E é com tranqüilo desengano que acrescenta:

E foi assim que cheguei à clausura dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o **undiscovered country** de Hamlet, sem as âncias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. (3, p. 12).

Tal confissão de Brás Cubas parece-me ser a que melhor expressa o seu estado de espírito, cujas principais características são o desencanto diante da vida e a indiferença em face da morte. Não é por acaso, porém, nem repentinamente, que êsses nôvo Brás Cubas nasce daquele adolescente apaixonado e sedento de vida, ou do bacharel candidato a político e a marido de mulher categorizadora; êle é fruto de longo processo evolutivo, que se revela a pouco e pouco, e lentamente vai deitando raízes parasitas na "flôr da árvore dos Cubas".

É possível, sem maior esforço, acompanhar alguns episódios e faixas dêsse processo, para observar a formação do nôvo Brás Cubas, êsse desencantado para quem a Natureza ou Pandora não quis escolher maior castigo que o de viver (3, p. 32).

O primeiro grande acontecimento de ordem prática, na vida de Brás Cubas, é a obtenção do diploma de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Se é verdade que a sua ida à Europa está diretamente ligada ao fato de querer o pai afastá-lo de uma paixão desatinada, não é menos verdade que, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, lá iria êle ter, em busca do título de doutor que lhe substituiria o braço de nobreza (4), que não possuía das pretensões

paternas a esse respeito. Sua origem social e familiar é, tipicamente, a da elite brasileira daquele tempo e mesmo de hoje em dia; afastadas as hipóteses do clero e das forças armadas que lhe prognosticaram os tios quando de seu nascimento, outro caminho não lhe restava senão o título de bacharel e, como era tradicional, de bacharel por Coimbra; por intermédio dele é que se classificará como elite e conseguirá ingresso na vida pública, conforme sonhava seu Pai. Realizaria aquele grande futuro que, como compensação ao elogio fácil, mas envaidecedor, lhe desejou o marujo poeta, e sobre o qual refletiu:

Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo — bispo que fôsse, uma vez que fôsse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior (3, p. 89).

Nem por ter estudado muito mediocrementemente as árduas matérias da Universidade perdeu o grau de bacharel; deram-lhe o título, "com a solenidade do estilo, após os anos da lei" (3, idem). Que sentimento expressa, porém, ao recebê-lo? Ninguém dirá melhor do que ele, nem com tôdas as letras:

No dia em que a Universidade me atestou um pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso (3, p. 90).

Não é o primeiro, nem será o último lôgro que a vida oferecerá a Brás Cubas. O amor de Marcela, que durou "quinze meses e onze contos de réis" (3, p. 74), já lhe abria os olhos e a alma para os corredores subterrâneos dos sentimentos; já lhe inculcava no espírito o veneno corrosivo da incredulidade na afeição humana; e de acôrdo com essa visão desencantada é que o tema do amor será tratado em sua obra.

O diploma de bacharel, porém, é o primeiro grande acontecimento de sua vida, individual e social. É significativo, pois, que ele próprio o interprete como um lôgro; e, se confessa certo orgulho pelo título, é porque a vaidade ainda lhe é mais forte que o desencanto, que só mais tarde virá completamente. É essa vaidade que lhe amolece a resistência à dupla proposta do pai: um lugar de deputado e um casamento. Sua

resistência é fraca e sem convicção; Brás Cubas hesita, dividido em duas metades de si próprio:

Uma parte de mim mesmo dizia que sim, que uma espôsa formosa e uma posição política eram bem dignos de aprêço; outra dizia que não; e a morte de minha mãe me aparecia como um exemplo da fragilidade das cousas, das afeições, da família (3, p. 108).

O pretexto da morte da mãe não conven- ce a ninguém, nem mesmo a ele, que lhe não tinha maior afeição; dela estivera afastado uns oito ou nove anos, e ao vê-la enferma, ou já defunta, trata-a com certa distância e estranha indiferença, de que faz prova a fria escolha dos adjetivos e substantivos de que se utiliza para evocá-la (3, "a pobre senhora", p. 19; "a infeliz padecia...", p. 97, "a sorte da enferma", p. 98, etc.). Ademais, essa morte representa apenas uma oportunidade para novas reflexões sobre o problema do ser e do não ser, uma nova etapa na evolução do seu espírito, a caminho do desencanto e da indiferença totais. É natural, pois, que a vaidade ganhe a partida, após o apêlo do pai para que fuja do que é infimo e obscuro; a retórica paterna não fêz muito esforço para convencê-lo. Facilmente, como um fantoche, deixou-se arrastar pelo mágico da vaidade:

E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada móbida — o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas (3, p. 113).

Por essa época, já não era o mesmo Brás Cubas de dez anos atrás. Segundo sua curiosa teoria, cada estação da vida é uma nova edição, que corrige e aumenta a anterior, sucessivamente, até a edição definitiva, "que o editor dá de graça aos vermes" (3, p. 111). Nessa altura vivia ele a

... quarta edição, revista e emendada, mais ainda inçada de descuidos e barbarismo; feito que, aliás, achava alguma compensação no tipo, que era elegante e na encadernação, que era luxuosa (3, p. 136).

Se se tiver em conta que a sua primeira edição não se compunha do nascimento e da primeira infância, mas da fogosa ado-

lescência de paixão por Marcela (3, p. 138), melhor se poderá compreender a sua teoria e, conseqüentemente, a sua evolução espiritual. Quando se apaixonou por Marcela tinha dezessete anos,

... era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias (3, p. 63).

Pouco depois, o espetáculo da morte o conduz à segunda edição, corrigindo, embora pouco, os defeitos da primeira. A sensação de lógro em face do diploma de Coimbra, depois da vida de acadêmico "estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras" (3, p. 90), encaminha Brás Cubas para uma terceira edição; tem ele vinte e dois ou vinte e três anos, e vai viver a grande aventura romântica de jovem recém-formado e incompreendido, em cujo espírito o mal do século fêz alguns arranhões superficiais; na Veneza que ainda rescende aos versos de Byron, mergulha em pleno sonho e revive o pretérito (3, p. 95), como se já pressentisse que seu presente e seu futuro não lhe pudessem trazer nada de novo e de bom. Não nos diz muito de suas andanças pela Europa, de sua vida de romântico itinerante, que assistiu às alvoradas do Romantismo e foi fazer poesia efetiva no regaço da Itália (3, *idem*); o pouco que diz, porém, e mais o capítulo do almocreve, que cortou o fio às suas reflexões, revelam muito de Brás Cubas dessa terceira edição: moço ainda cheio de sonho, sem generosidade e desconfiado dos outros, mas confiante em si mesmo, apesar das lições que a vida já lhe ensinou. Longe dos seus, do meio familiar e social em que foi criado, fora dum contexto afetivo pleno de contradições e feito em grande parte de aparências, Brás Cubas deixa o espírito correr mundo em busca de aventura, de poesia e de sonho. A pouca amargura que carrega, ainda que tendo por base muito de sua personalidade, recebe substância do estado de espírito próprio da sua idade, e, também, da atmosfera romântica, na qual viveu tanto tempo. E ela é que vai despertar os germes do desencanto e do pessimismo que, se os trazia de longe, apenas se revelavam sob a aparência de comodismo e de egoísmo.

Ao voltar para o Rio de Janeiro, ao reintegrar-se no contexto social e familiar que lhe é próprio, sente que aquela terceira edição, romântica e cheia de sonho, não lhe assenta muito bem.

Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o voo na direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida (3, p. 97).

A imagem do espírito, a voar na direção da fonte original para beber da água ainda não mesclada do enxurro da vida, parece ser apenas um modo de dizer que, apesar de tudo, ainda lhe resta uma ponta de ilusão sobre a vida futura, a realizar-se de acordo com sua origem e com a educação que recebeu. Através dos desenganos e das decepções, Brás Cubas conservou aquele "desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver" (3, p. 90), que lhe invadiu o espírito quando, "assaz desconsolado" e tendo a impressão de haver sido logrado, recebeu o diploma e deixou a Universidade. A reintegração no meio que lhe é próprio faz com que se reacenda esse desejo, que era uma imposição de sua situação social e familiar. E por isso vai iniciar uma nova fase da vida, a quarta edição. Nessa fase, apesar da morte da mãe, que apenas contribuiu para orientar a sua evolução espiritual sem lhe causar maior transtorno afetivo, nessa fase Brás Cubas aceita a dupla proposta do pai: aceita o noivado e a candidatura a deputado, sabendo que por intermédio do primeiro mais fácil e mais rapidamente alcançaria a segunda (3, p. 134). Fato significativo é que aceite o noivado sem mesmo conhecer a noiva, o que acentua o seu propósito de vencer a qualquer preço, de realizar-se como elite segundo os hábitos e os costumes da sociedade brasileira do tempo do Império. Ao conhecer a noiva, troca com ela um "olhar puro e simplesmente conjugal" (3, p. 135); é certo que, já defunto, traça da Virgília dêsse tempo um retrato "físico e moral" cheio de realismo incredulo e sarcástico:

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa... Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril e cheia de ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção — devoção, ou talvez medo; creio que medo (3, p. 110).

Talvez êsse já fôsse o seu modo de pensar àquela época; pelo menos o modo de pensar daquela outra metade de Brás Cubas, que só se revelará completamente quando a frustração fôr plena e definitiva. Mas, o que aparece de modo claro e indiscutível, é que Brás Cubas aceita a panegírico do pai à filha do Conselheiro Dutra: Virgília, além de ser o caminho mais rápido para a deputação, era uma “jóia, uma flor, uma estrêla, uma cousa rara” (3, p. 134). Convinha-lhe melhor do que a pobre “flor da moita”, a quem poderia amar algum dia, se ela não fôsse filha bastarda, incapaz, portanto, de categorizá-lo pelo casamento; o fato de ser coxa, ainda que tenha influído em Brás Cubas, não foi senão o pretexto de que se serviu a sua consciência para tranquilizar-se; a borboleta preta que êle atira pela janela não teria outro destino se tivesse nascido azul. O que deseja Brás Cubas é vencer, alcançar o lugar que lhe parece estar reservado e nada o pode afastar dêsse caminho. Entrega-se, pois, ao noivado e à candidatura. E via a ambas as coisas com mais ânsia e sofreguidão do que se lhe poderia supor. É que o encontro com Marcela, envelhecida e bexiguenta, representa o passado que retorna para consolar sua decisão; revê as suas próprias edições anteriores, e pergunta por que motivo fizera tanto desatino; percebe a fragilidade das coisas e dos sentimentos, e por isso pensa que é inútil sacrificar-se: mesmo a beleza da Marcela de 1822 não valia uma terça parte dos sacrifícios que fizera, (3, p. 138). O interrogatório a que lhe submete o passado — um rosto cortado de saudades e bexiga — é incisivo duro e frio, impiedoso; mas êle não hesita em lhe aceitar as lições. Ao deixar a antiga amante, o espírito travado de impressões opostas, sente que o coração batia um pouco, mas, “era uma espécie de dobre de finados (3, p. 142):

Não há, às vêzes, um certo vento morno, não forte nem áspero, mas abafadiço, que nos não leva o chapéu da cabeça, nem rodoinha nas saias das mulheres, e todavia é ou parece ser pior do que se fizesse uma e outra cousa, porque abate, afrouxa, e como que dissolve os espíritos? Pois eu tinha êsse vento comigo; e, certo de que êle me soprara por achar-me naquela espécie de garganta entre o passado e o presente, almejava por sair à planície do futuro (3, p. 143).

O vento morno e abafadiço que Brás Cubas traz consigo, quando vai ter com a noiva, é a ponta de consciência que lhe começa a morder, depois do encontro com Marcela. O retrospecto, a que então foi obrigado, não lhe deixa dúvida quanto à escolha do caminho a seguir; nem o passado, que vivera sob o signo do sentimento e do capricho, nem o presente, que seu pai classificara de “inútil, obscuro e triste” (3, p. 113). O futuro é o único caminho que lhe resta.

Mas, que significa para Brás Cubas o futuro? E que lhe reserva êsse futuro a que êle tanto almeja, ou talvez finja almejar?

Para Brás Cubas, a planície do futuro é a realização dos projetos paternos a seu respeito, que podem ser resumidos numa carreira pública cheia de êxito e de glória. Essa ambição fascinará seu espírito, a partir dêsse momento. O primeiro passo para realizá-la é o casamento de conveniência com a filha do homem cujo prestígio político mais rapidamente o conduziria ao Parlamento, e daí, talvez, ao Ministério.

Sem maior motivo aparente, porém, Brás Cubas perde a noiva que lhe fôra escolhida e que o aceitara; perde-a para um homem do qual êle próprio diz com certa melancolia, mas, sem inveja:

... um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucos semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano (3, p. 147).

Na seqüência da frustração de Brás Cubas, êsse acontecimento é dos mais decisivos. Embora não amasse Virgília, o fato de ser preterido, substituído por outro que lhe era em nada superior e cuja única vantagem consistia em ser apoiado por grandes influências políticas, faz com que Brás Cubas adquira plena consciência de sua inca-

pacidade de realizar-se. Mais precisamente de sua incapacidade de realizar-se como elite, segundo o critério do meio em que vive; se, como lhe ensinava o pai, os homens valem por diferentes modos, e o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens (3, p. 113), Brás Cubas já não guarda as ilusões que ainda há pouco lhe embebedavam o espírito; sabe que nunca mais valerá nada pela opinião dos outros e, por atitude que esconde muito de verdade, na sua própria opinião já não valerá grande coisa:

Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com o seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera (3, p. 148).

A ironia consigo próprio, característica dos grandes personagens machadianos, é um curioso processo de insinuar a verdade sem afirmá-la, um modo de não mentir sem dizer a verdade essencial e necessária à interpretação dos acontecimentos. Sentir-se pavão (5), por exemplo, em relação à águia, não é somente sentir-se incapaz de ser águia, num contexto em que isso é condição imprescindível para o êxito e para a glória; é também, e fundamentalmente, sentir-se inautêntico e feito de aparências, sentir-se pura e simplesmente incapaz. E essa tomada de consciência de Brás Cubas, de referência a uma condição que ele antes apenas suspeitava, modifica a sua posição no mundo e em face dos homens e do mundo.

O despeito que confessa — “despeitozinho agudo como ponta de alfinete” (3, p. 149) — é epidérmico, bem menor que o desencanto, que é mais profundo e definitivo; logo desaparece o despeito e o que lhe fica, na verdade, é êsse desencanto amargo, que lhe exacerba o egoísmo e a falta de generosidade. Morto o pai, que não suportou a derrota do filho, entra em disputa com a irmã e o cunhado; nada quer ceder e não cede na repartição da herança, que era “um pão bem grande para ser repartido por todos” (3, p. 155). Brás Cubas, pouco importa o vulto do quinhão; o que conta é a sua ambição insatisfeita. Antes era simplesmente a sua ambição, inadjetivada, sem propósito premeditado de nada subtrair a ninguém, conten-

tando-se em guardar o que é seu e só reparti-lo em casos extremos. Certo que essa ambição não era em nada generosa, e o pobre almocreve, que positivamente lhe salvara a vida, lá ficou na estrada a sorrir com os vinténs de cobre que lhe deu Brás Cubas, em lugar das cinco moedas de ouro do primeiro e único impulso generoso (3, cap. XXI). De agora por diante, a sua ambição insatisfeita — “e Deus sabe a força de um adjetivo, principalmente em países novos e cálidos” (3, p. 259) — já não perderá Brás Cubas nenhuma oportunidade nem poupará a ninguém, para vingar-se da partida que lhe foi pregada. Na solidão de seu desencanto, fabricará os venenos de sua vingança. Note-se: sua solidão não é do homem romântico, que vai sonhar no êrmo a vida que o mundo lhe recusa, ou embalar a sua melancolia na placidez dos bosques e dos campos, ou entregar ao grande mar, como um dia pretendeu Brás Cubas, os seus desenganos e a sua contrariedade. É bem outra a sua solidão; ela mesma é já uma vingança, que ele confessa com ênfase, quase eufórico:

Multidão, cujo amor cobicei até à morte, era assim que eu me vingava às vészes de ti; deixava borborinhar em volta do meu corpo a gente humana, sem a ouvir, como o Prometeu de Ésquilo fazia aos seus verdugos. Ah! tu cuidavas encadear-me ao rochedo da tua frivolidade, da tua indiferença, ou da tua agitação? Frágeis cadeias, amiga minha; eu rompia-as de um gesto de gulliver. Vulgar cousa é ir considerar no êrmo. O voluptuoso, o esquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheiado, inacessível, ausente. O mais que podem dizer, quando ele torna a si, — isto é, quando torna aos outros, — é que baixa do mundo da lua; mas o mundo da lua, êsse desvão luminoso e recatado do cérebro, que outra cousa é senão a afirmação desdenhosa da nossa liberdade espiritual? Vive Deus! eis um bom fecho de capítulo (3, p. 288).

É verdade que, depois do noivado fracassado, viveu muito consigo mesmo, durante algum tempo:

Vivi meio recluso, indo de longe em longe a algum baile, ou teatro, ou palestra, mas a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo. Vivía; deixava-se ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo. Escrevia política e fazia literatura. Mandava artigos e versos para as folhas públicas, e cheguei a alcançar certa reputação de polemista e de poeta (3, ps. 156-7).

Essa reclusão é a oportunidade que Brás Cubas reserva para concertar idéias e planos; nela é que constrói, contra a teoria do amor, tôda uma teoria da vingança — a teoria da ponta do nariz (3, cap. XLIX) — que logo será completo pela famosa lei da equivalência das janelas (3, cap. LI), já antes enunciada com outra fórmula a propósito de botas (3, cap. XXXVI). É que Brás Cubas, superiormente inteligente, não se contenta com o exercício prático da sua vingança e do seu "cinismo"; para ainda mais e melhor caracterizar o sentido da sua atitude, elabora leis e teorias que a expliquem e justifiquem. E essa elaboração já é, em si mesma, não apenas a redução do universo à ponta de seu nariz, mas, também, uma janela aberta a ventilar sua consciência.

Seu comportamento em relação ao primo de Virgília, pobre coitado que não pedia mais que uma palavra de aprêço aos versos que produzia, é típica de sua atitude vingadora; frio, intencional e premeditado, primeiramente goza ao ver a angústia daquele a quem, sem nenhuma convicção e apenas para ridicularizar, classifica de rival:

Pobre Luís Dutra! Apenas publicava alguma cousa, corria a minha casa, e entrava a girar em volta de mim, à espreita de um juízo, de uma palavra, de um gesto, que lhe aprovasse a recente produção, e eu falava-lhe de mil cousas diferentes, — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlinhas e cavalos, — de tudo, menos dos seus versos ou prosas. Ele respondia-me, a princípio com animação, depois mais frouxo, torcia a rédea da conversa para o seu assunto dêle, abria um livro, perguntava-me se tinha algum trabalho nôvo, e eu dizia-lhe que sim ou que não, mas torcia a rédea para o outro lado, e lá ia ele atrás de mim, até que empacava de todo e saía triste. Minha intenção era fazê-lo duvidar de si mesmo, desanimá-lo, eliminá-lo. E tudo isto a olhar para a ponta do nariz... (3, p. 159).

Depois, quando modificadas as condições de um e de outro, a vingança de Brás Cubas se exercerá em sentido inverso. Tendo de desarmar aqueles que por acaso suspeitavam de suas relações amorosas com Virgília, ao pobre Luís Dutra elogia sem convicção e ainda com o mesmo propósito de ridicularizar:

Havia ainda o primo de Virgília, o Luís Dutra, que eu agora desarmava à força de lhe falar nos versos e prosas, e de o apresentar aos conhecidos. Quando êstes, ligando

o nome à pessoa, se mostravam contentes da apresentação, não há dúvida que Luís Dutra exultava de felicidade; mas eu curava-me da felicidade com a esperança de que ele nos não denunciasses nunca (3, p. 208).

Mais cínica, porém, é a vingança contra Virgília. Tão cínica e tão perigosa por isso que realizada sem as aparências de vingança, que acaba de conduzir o próprio Brás Cubas à destruição, auto-envenenado no delírio de sua desforra.

Embora não pretendamos examinar aqui o problema das relações entre Brás Cubas e Virgília, lembremos apenas o modo pelo qual Brás Cubas confessa a vingança contra aquela que não foi sua esposa por questões de conveniência, porém que se tornou sua amante sem jamais suspeitar que o antigo noivo seria capaz de atraí-la para satisfazer a vaidade ferida e vingar-se do casamento desfeito:

Uniu-nos êsse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dôr, de aflições que desabrochavam em alegria — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, — vida de agitações, de cóleras de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e enguliu aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a sá-ciedade: tal foi o livro daquele prólogo (3, ps. 173-4).

Frustrado, mas perfeitamente consciente da sua frustração, é dêsse modo que o desencantado Brás Cubas reage diante de tudo e de todos, sem poupar nem mesmo aquela que lhe foi a única amizade e companhia durante tôda a vida: com uma superioridade fabricada e sempre disposto a destilar os venenos corrosivos da sua vingança contra quem quer que seja. Inclusive contra ele próprio, quando, pelo artifício da morte, pretende sugerir o processo da sua frustração. Bastante exemplificativo, no particular, é o último capítulo as MPBC, expressivamente intitulado "Das negativas". Não tendo conseguido ser nada daquilo que deveria e poderia ter sido, não tendo nem mesmo sido obrigado a comprar o pão com o suor do próprio rosto, vinga-se de tudo isso com a última das negativas.

... a derradeira negativa dêste capítulo de negativa: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma creatura o legado da nossa miséria (3, p. 407).

Definitiva mas conscientemente frustrado, Brás Cubas é o primeiro dos grandes personagens de Machado de Assis a viver êsse drama. E a partir dêle todo o mundo machadiano é trabalhado por êsse drama, no qual nos inclinamos a ver o drama de grande parte das elites brasileiras em meados do século XIX.

NOTAS

1 — Ressurreição, 1872.

2 — Lúcia Miguel Pereira — Machado de As-

sís (Estudo Índice é geográfico) 4.^a ed. São Paulo, Gráfica Editora Brasileira, 1949, p. 126.

3 — Machado de Assis — **Memórias póstumas de Brás Cubas**, Rio Jackson Editores, 1950, pgs. 67-68.

4 — Sérgio Buarque de Holanda — **Raízes do Brasil**.

5 — Seria bom que o estudante procurasse estudar êsse problema em MA, a nosso ver intimamente relacionado com o da formação da elite brasileira.

RÉSUMÉ

Tout en acceptant le classement traditionnel des romans de Machado de Assis l'auteur cherche la fixation des bases pour une étude concrète de Machado, à partir d'une interprétation thématique qui puisse conduire l'interprète aux rapports essentiels du romancier avec le moment brésilien qu'il a vécu. D'où sa singularité par rapport au romantisme brésilien à l'époque duquel il a publié son premier roman. L'auteur fonde cette étude dans l'éclaircissement de ce qui semble être le thème central de Machado de Assis: la conscience d'être frustré. Ce thème s'affirme dès le premier ouvrage de sa phase de maturation créatrice, selon le classement traditionnel de ses romans: **Memórias póstumas a Brás Cubas**. Il ne s'agit pas, il est facile voir, de la frustration pure et simple, de la frustration comme un échec en soi. Les héros romantiques sont des êtres frustrés, étant donnée leur permanente attitude d'opposition aux systèmes en vigueur. Soit sur le plan social, soit sur le plan familial, ils sont des désajustés du monde, des incompris, leur lutte consistant dans la construction subjective d'un autre monde, supérieur à celui où ils vivent et dont le fondement sont des sentiments et des vertus idéales. Ce n'est pas cependant le cas des personnages réalistes de Machado de Assis. Chez ceux-ci le thème est enrichi par la conscience féconde que chacun acquiert de sa frustration. Au moment où il prend conscience d'être frustré l'homme machadien devient un être unique, singulier. À ce moment-là il se définit comme position par rap-

port aux autres et au milieu où il vit. Il ne s'évade pas du monde, il ne fuit pas de sa situation dans le monde, il n'envisage pas cette situation comme la fatalité d'un destin personnel, comme le héros romantique. Par contre il se situe dans le monde, il acquiert une conscience pleine de sa position dans le monde et des circonstances qui la déterminent et commence à réagir devant le monde et devant ses semblables en fonction de cette conscience. Le premier des grands personnages machadiens qui acquiert cette conscience est Brás Cubas. Ses mémoires, écrites dans l'au-delà et pour cause, trouvent son explication dans la conscience que feu l'auteur a de sa frustration. Ses mémoires ne se bornent pas à raconter l'histoire de son pessimisme ou de son amertume, à cause d'un échec ou d'une série d'échecs. Elles n'ont pas été écrites ayant pour but de montrer le processus de frustration de Brás Cubas, mais surtout afin d'analyser de quelle façon et jusqu'à quel point Brás Cubas prend conscience de sa frustration et réagit devant elle. Ainsi les problèmes de la mort, de l'amour, ou celui de la réalisation professionnelle sont traités de différentes façons (soit au point de vue style, soit au point de vue position) dans la mesure où ils sont ou ne sont pas conscients. L'ironie, la causticité, la vengeance, le mépris, sont d'autres procédés de Machado, de son personnage Brás Cubas, affrontant le drame d'un être conscient de sa frustration. Dans ce drame l'auteur de l'article est enclin à voir le drame de la plupart des élites brésiliennes à la moitié du XIX siècle.

SUMMARY

Taking for granted the traditional classification of Machado de Assis novels, the Author tries to outline what he calls a concrete study of Machado de Assis from the standpoint of an interpretation of the writer's ties with his historical moment and therefrom to fully characterize him as a unique event in the framework

of Brazilian Novel. Thus, this study centers around what the Author believes to be Machado de Assis's nuclear theme: the consciousness of being frustrated. A theme that establishes itself even from the outset when the great Brazilian writer would be through his ripening creative period, with his **Memórias Pestu-**

mas de Brás Cubas". As it is easy to see it is not the case here of frustration pure and simple, as in sheer failure. Romantic heroes are frustrated beings in virtue of their constant and incurable attitude of frank opposition to established systems, be them social or familiar systems. They are therefore ill understood and cannot help but being eternally marginal people as far as the world is concerned. So, they always try to build up some other world, on a purely subjective basis, hoping that their new world will be far superior to that in which they have to live and whose bases are set upon ideal sentiments and virtues. This is not the case, however with Machado de Assis's realistic characters. Here, the theme is considerably enriched by the fact that these people are fully conscious of their own frustration. And it is precisely in the measure at which a Machado de Assis's character is conscious of his frustration that he becomes a very unique and singular being. A human being, for that matter, right at the moment when he defines his position with respect to other men and to his environs. He does not shy away from the world neither does he try to ignore his true position in society while considering fatality to be the end point of a person's life, as romantic characters usually do. On the contrary, he places himself rightly in the midst of his world, admits the fact that there can be little hope for his changing his

position in it and therefrom it will be as a function of his consciousness toward those facts that he will react to the world and his fellow-men. Brás Cubas is the first of Machado de Assis's characters to acquire that consciousness. His memoirs, curiously written from the world beyond, find its reason for being in the dead's consciousness of his own frustration. They do not confine themselves to telling the story of his pessimism and burned up condition as a consequence of his many failures in life. And what is more: they were not written with a view to showing the process of frustration of Brás Cubas, but rather in order to analyse in what manner and up to what measure Brás Cubas is conscious of his frustration and thus reacts before them. So, problems like death, love or professional accomplishment all receive a different treatment, whether as regards style or merely a way of seeing things, and this side by side with the degree to which Brás Cubas (and any other character for that matter) is both conscious of them and of his own frustration. Irony, bitterness, vengeance are only a few of many other behaviors one may find in Machado de Assis, in Brás Cubas as facing up to the tragedy of a being who is fully aware of his own frustrations. Tragedy that the Author of this paper seems to tend to view as the tragedy of great sectors of Brazilian élites in the nineteenth century.